

15 MAI 1990

A fera e a menina de Tauá

GAUDÊNCIO TORQUATO



No Ceará, uma menina de sete anos, faminta, pede ao pai que sacrifique Jacaré, seu cachorro de estimação, última e única solução para o cardápio da fome, na esteira

da seca, no município de Tauá. Em Cubatão, operários da Cosipa, nervosos e desatentos, perdem a vida, em ritmo mais apressado que o normal, na cadeia incessante de acidentes de trabalho. Nos bairros periféricos de São Paulo, fileiras de adolescentes caem, chacinados, banhando de sangue ruas amedrontadas, enquanto uma onda de violência se espalha pelos conglomerados urbanos. Velhinhos amargurados envergam sob o peso do cansaço em filas quilométricas, à cata de poupanças suas. Nas áreas industriais, já se começa a ouvir o clamor de turbas insatisfeitas, na preparação de movimentos paredistas, enquanto apupos de professores chegam à rampa do Palácio do Planalto.

Inevavelmente, há uma imensa camada cinza toldando o véu de uma crise que se imagina administrada. Não é verdade que tenhamos ingressado num oásis de felicidade. O caldeirão inflacionário está, momentaneamente, sob controle, mas nada garante que seu refluxo seja definitivo. Trabalhar com a hipótese do "já vencemos" torna-se arriscado, pois a euforia antecipada provoca comportamentos emocionais perigosos, capazes de comprometer o programa de estabilização. Não se trata de pregar catastrofismo. Trata-se, sim, de usar bom senso e admitir que o estado da Nação é tenso. Basta uma simples leitura da mídia para comprovar a sensação.

É evidente que os sistemas decisórios das forças produtivas devem trabalhar com a hipótese de sucesso para o programa de governo, a fim de que suas estruturas e equipes possam realinhar estratégias à luz das novas disposições. Erram, contudo, quando não distinguem uma realidade crua e dolorosa que desponta em diversas regiões. Ou quando não percebem que significativas mudanças comportamentais estão atingindo em cheio importantes bolsões. Collor não tem responsabilidade sobre a fatiada do chão esturricado do Nordeste, mas a falta d'água de suas torneiras pode apressar a visibilidade esqueletrica da família de dona Francisca de Tauá. Bem como a falta de sensibilidade no trato de expurgos de índices de inflação poderá incandescer sistemas concatenados de greves.

Os mais de 50 milhões de pessoas que formam o cinturão concentrado na estreita pobreza não sentirão os abalos do sismo reformista. As marujas que começam a sair de contingentes desempregados ou ameaçados de desemprego não chegaram às bordas, enquanto a classe média, refém das circunstâncias, evita criar tumulto. Respira-se uma aparente normalidade. A gravidade, nesse aspecto, está em que, se todos partilham da certeza compulsória do su-



cesso do Plano, tendem a mergulhar numa anestesia narcotizante e a subestimar o turbilhão de particularismos que fervilha nas entranhas da sociedade, fornecendo o fermento da antítese e alimentando a corrente de desestabilização.

O País ainda se encontra em estado de guerra. Batalhas estão sendo travadas e algumas, surpreendentemente, imobilizam o governo. A da reforma administrativa, por exemplo. Pensar que é hora de retirar armas do campo de lutas é perder a visão estratégica: Isolar o comandante, deixando-o só, com sua exacerbada liturgia e assessores aparvalhados, é dar as costas ao sentimento cívico. A hora é de mobilização. Infelizmente, por aqui, grassa a peste da solerte acomodação. Quando as pessoas se sentem incomodadas, se mexem. Passada a tempestade, se afogam num agocentrismo malsão. Triste destino o de um país cujo povo gosta de admirar apenas o próprio umbigo. Milhares de brasileiros de grave responsabilidade se refugiam: hoje, na redoma de seus negócios, administrando ampliação de espaço próprio, com pouca ou nenhuma preocupação com o mapa dos miseráveis.

Não se pede adesismo a Collor nem se clama por irrestrita solidariedade, até porque há munição para se criticar as estroinices que balizam a postura presidencial. O governo, porém, é uma entidade da sociedade. Como tal, precisa de todos para recompor o País. Ao empresário, urge colaborar, adequando metas de lucro ao cenário de guerra. A busca de

A tensão nas ruas é um alerta

liberdade de mercado passa, necessariamente, por ajustes, principalmente em momentos de transição. A intelligentzia, com seu poder de irradiação de idéias, pode disparar suas perorações, sem perder, jamais, a grandeza intelectual e sem cair na defesa de feudos, grupelhos e queimações de pessoas. Isso é baixaria. Políticos, mesmo em campanha, têm condições de articular discursos virtuosos, evitando o viés apocalíptico e a vereda ufanista.

Não há como esquecer uma inflação que beirava os 100% e uma ciranda que locupletava bolsos já polpudos. Mas não se pode fechar os olhos à aflição de cidadãos que passaram a vida poupando. Ninguém gosta de ver um pedaço de sua vida apagado por uma borracha que não comprou. No horizonte, felizmente, divisam-se estrelas de esperança, que começam a formar exércitos de fé. É possível que a nova constelação produza uma epopéia tão bela que o arquivado antigo seja abandonado, sem lágrimas nem amargura.

Enquanto a versão magnífica não aparece, sugere-se leitura cuidadosa do presente, que exhibe páginas azuis e cinzas, beleza e tragédia, euforia e tristeza. O relato da atualidade contém sensações de domínio da fera inflacionária com impressões candentes da fragilidade nacional, um misto de superação de desafios e prostração. Neste momento a omissão não será perdoada. A tensão nas ruas é um alerta. E o apelo pungente da pobre menina de Tauá, um registro, pequeno, mas suficiente para denunciar o tamanho de nossa felicidade.

Gaudêncio Torquato, jornalista, é professor titular da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.